





DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674980>

Entrevista

Preconceitos e discriminação na capoeira: a voz de uma Mestra

Prejudices and discrimination in capoeira: an experience report

Prejuicios y discriminación en la capoeira: un relato de experiencia

Tatiana Candida São Pedro Tomé¹ 
José Luiz Cirqueira Falcão² 

RESUMO

Neste relato de experiência apresentamos algumas sínteses reflexivas acerca de preconceitos e discriminação na capoeira a partir de experiências pedagógicas vividas pela mestra Tatiana, do Grupo Capoeira Luanda, de Goiânia-GO. Se práticas preconceituosas e discriminatórias ainda estão muito presentes em nossa sociedade, o enfrentamento destas requer a adoção de estratégias articuladas que levem em consideração suas configurações históricas e contextuais. Além disso, é fundamental a adoção de políticas públicas intersetoriais e programas permanentes de formação e capacitação que contemplem o respeito à diversidade em todos os âmbitos das relações sociais e o esclarecimento histórico-crítico acerca dos fundamentos que alicerçam e geram diversas formas de preconceitos e discriminações.

Palavras-chave: Capoeira. Racismo. Discriminação percebida.

¹ Secretaria de Educação do Estado de Goiás, Goiânia-GO, Brasil.

² Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança, Goiânia-GO, Brasil.

Correspondência:

José Luiz Cirqueira Falcão. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Avenida Esperança, S/N, Campus Samambaia, Goiânia – GO, CEP 74690-900. Email: jlcfalcao@gmail.com

ABSTRACT

In this experience report we present some reflective syntheses about prejudices and discrimination in capoeira based on pedagogical experiences lived by master Tatiana, from Grupo Capoeira Luanda, from Goiânia-GO. If prejudiced and discriminatory practices are still very present in our society, confronting them requires the adoption of articulated strategies that take into account their historical and contextual configurations. Furthermore, it is essential to adopt intersectoral public policies and permanent training and qualification programs that include respect for diversity in all areas of social relations and historical-critical clarification regarding the foundations that underpin and generate various forms of prejudice and discrimination.

Keywords: Capoeira. Racism. Perceived Discrimination.

RESUMEN

En este relato de experiencia presentamos algunas síntesis reflexivas sobre prejuicios y discriminación en la capoeira a partir de experiencias pedagógicas vividas por la maestra Tatiana, del Grupo Capoeira Luanda, de Goiânia-GO. Si las prácticas prejuiciosas y discriminatorias siguen muy presentes en nuestra sociedad, enfrentarlas requiere la adopción de estrategias articuladas que tengan en cuenta sus configuraciones históricas y contextuales. Además, es fundamental adoptar políticas públicas intersectoriales y programas permanentes de formación y calificación que incluyan el respeto a la diversidad en todos los ámbitos de las relaciones sociales y el esclarecimiento histórico-crítico respecto de los fundamentos que sustentan y generan diversas formas de prejuicios y discriminaciones.

Palabras Clave: Capoeira. Racismo. Discriminación Percibida.

APRESENTAÇÃO

Para celebrar o 1º. Dossiê temático sobre Capoeira da Revista Conexões Unicamp 2023, intitulado “O QUE PODE O CORPO-CAPOEIRA NA CONTEMPORANEIDADE: sobre as facetas desta manifestação cultural e seus respectivos campos de expressão e atuação” apresentamos a essa edição duas colaborações especiais de uma mestra e de um mestre de Capoeira.

Dessa forma, esse manuscrito configura-se como uma entrevista, que pretende abordar a temática sobre preconceitos e discriminação que o corpo-capoeira ainda enfrenta, em busca de alternativas para pensar estratégias pedagógicas de combate a essas opressões e intolerâncias.

Um pouco sobre o corpo-capoeira na voz de Mestre Tatiana!

INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência esboçamos algumas situações concretas e algumas sínteses reflexivas acerca de preconceitos e de diferentes tipos de discriminações manifestas ou veladas no contexto da capoeira, a partir de experiências vividas pela mestra Tatiana Cândido, do Grupo Capoeira Luanda, de Goiânia-GO. Além disso, apresentamos algumas percepções e práticas pedagógicas de enfrentamento às violências que atingem indistintamente trabalhos desenvolvidos com a capoeira em diferentes espaços de formação.

Atitudes e práticas preconceituosas e discriminatórias ainda são muito presentes em nossa sociedade. Elas vão do simples olhar insinuante e desconfiado às mais grotescas e constrangedoras formas de verbalização. A capoeira não está fora desse contexto e ela é, concomitantemente, alvo de preconceito e de discriminação por parte da sociedade abrangente e campo fértil para o exercício de atitudes discriminatórias.

Desde os primórdios da escravidão os afrodescendentes foram submetidos a aviltantes procedimentos de cerceamento de suas liberdades individuais e coletivas. Essa privação da liberdade continuou acompanhando-os por séculos, e em muitos casos ainda continua. Em decorrência disso, a história e a cultura dos povos negros sempre estiveram carregadas de desprezo, de opressão, de estigmatização, de exploração e de muita violência.

Para uma grande parcela da sociedade que desconhece a história da formação do povo brasileiro, quase tudo que vem do "negro" é carregado de uma conotação depreciativa e/ou negativa, como podemos observar em corriqueiras expressões do tipo: "hoje é dia de preto", que designa um dia difícil ou um dia ruim; "denegrir", utilizada para difamar ou subestimar a imagem de alguém; "a

coisa tá preta", utilizada para expressar que algo está difícil de ser resolvido. Enfim, são dezenas de expressões depreciativas ouvidas sistematicamente nos diálogos cotidianos.

Essas expressões são praticamente naturalizadas nas relações cotidianas, mas elas não são fruto de um mero acaso ou chacota, nem tampouco resultado de uma intencionalidade meticulosamente engendrada. Elas têm explicações históricas que jamais devem ser negligenciadas. Segundo Chiavenato (1999), durante o século XVII e XVIII, o sangue do negro era mencionado como algo ruim.

Só com o branqueamento sumiria do convívio social, pois o sangue negro é o sangue mau, que para Roosevelt desapareceria com o branqueamento. O ideal principal é o do desaparecimento da questão negra pelo desaparecimento [no Brasil] do próprio negro gradualmente absorvido pela raça branca (Chiavenato, 1999, P. 80).

Na sociedade brasileira, a qual impera a miséria na fartura, em que até meados do século XX, "atribuíam-se a negros e mestiços a capacidade de produzir gerações de "degenerados" físicos e mentais", é fundamental enfrentar as mazelas cuidadosamente escondidas pelas elites, em especial os médicos eugenistas, que "colocavam essas pessoas na condição de doentes hereditários e que inevitavelmente 'transmitiriam' a toda a sua descendência doenças como a sífilis, tuberculose, loucura, idiopatia etc." (Pinho, 2010, p. 8).

Um comentário de Ernest Renan, autor bem conhecido das elites brasileiras do passado, mostra claramente o tratamento que era dispensado ao negro-africano. "A natureza fez uma raça de operários, é a raça chinesa [...], uma raça de trabalhadores da terra, é o negro [...], uma raça de senhores e de soldados, é a raça européia" (Sodré, 1999, p. 148).

Esses argumentos infundados provocaram estragos e escombros que resultaram num racismo estrutural que assume várias máscaras, como podemos verificar na chamada guerra contra o crime, como se a vítima não fosse quase sempre negra, ou na luta contra a corrupção, usada contra qualquer governo popular no Brasil que lute pela inclusão de negros e pobres (Souza, 2021).

Como sabemos, a capoeira se desenvolveu e se configurou como uma prática corporal herdeira de referências culturais e simbólicas negro-africanas. Destarte, a presença de traços culturais do processo civilizatório africano no bojo da capoeira evidencia que temos, no cotidiano do Brasil, valores culturais gestados na África – o berço civilizatório da humanidade – que ainda são relegados, escondidos e menosprezados em praticamente todas as esferas da vida social.

Ainda que a capoeira, desde os primórdios dos seus processos de sistematização, tenha aglutinado praticantes de várias nacionalidades, ela contempla expressivos traços da cultura africana em seu acervo gestual, ritualístico e musical. Nesse sentido, ela se apresenta, em muitos casos, como um contraponto simbólico que questiona, ainda que subliminarmente, a dominação cultural hegemônica de referências europeias e norte-americanas.

É possível verificar que muitos dos valores culturais africanos, fortemente vinculados a aspectos religiosos, míticos, totêmicos e ancestrais são, incontestavelmente, afirmados e expandidos nas experiências diárias dos capoeiristas, seja através dos cantos, dos rituais ou de suas próprias condutas.

Embora criminalizada pelo Estado brasileiro por quase meio século, a capoeira resistiu e se consolidou como importante manifestação cultural, tornando-se reconhecida oficialmente como patrimônio cultural imaterial do Brasil em 2008, e da humanidade, em 2014.

É fato que a capoeira enseja valores e símbolos da cultura negro-africana e contribui para a afirmação da positividade do processo civilizatório africano. Entretanto, somente nas duas últimas décadas, essa questão tem sido inserida e debatida de forma orgânica e sistemática no contexto escolar por força da Lei 10.639, de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" (Brasil, 2003).

No bojo dessa problemática, apresentamos, nesse texto, algumas sínteses reflexivas acerca de preconceitos e de situações de discriminação na capoeira tendo como campo empírico experiências pedagógicas desenvolvidas pela Mestre Tatiana. A intenção é contribuir com subsídios para o enfrentamento dessas questões tendo como pano de fundo o respeito à diversidade e o esclarecimento acerca dos fundamentos que alicerçam e geram diversas formas de preconceitos e discriminações.

RELATOS DE PROCESSOS DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO NARRADOS PELA MESTRA TATIANA CÂNDIDO, DE GOIÂNIA

Na cidade de Goiânia-GO, a capoeira está presente de forma sistematizada desde a década de 1960, com o protagonismo pioneiro de Manoel Pio Sales, o Mestre Sabú (1940 – 2017), goiano que se criou em Salvador e que teve experiências formativas de capoeira, sobretudo com o Mestre Caiçara (Silva *et al.*, 2022).

Entre tantos trabalhos de capoeira desenvolvidos nos mais diferentes espaços institucionais da cidade, passando por clubes, associações, fundo de

quintal, escolas, faculdades e academias, TATIANA CÂNDIDA SÃO PEDRO TOMÉ, conhecida como Mestre Tatiana, desenvolve um trabalho de capoeira na Rede Municipal de Ensino de Goiânia desde 2011.

Tatiana Cândido iniciou a prática da capoeira em 1992, no Grupo Amanhecer, com o Mestre Jacó. É licenciada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade do Estado de Goiás (2003) e mestra em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (2020). Foi pioneira em Goiânia no ensino de capoeira para pessoas com necessidades especiais³.

Atualmente, além de atuar como professora de capoeira em escolas públicas, atua também na coordenação dos trabalhos da Associação Capoeira Luanda (ACL), com sede em Goiânia-GO e núcleos em várias cidades do Estado de Goiás, em Salvador e em São Paulo. A ACL possui filiais nos Estados Unidos, na França e no Peru.

Para atender os objetivos deste relato de experiência, foi possível realizar uma entrevista com a Mestre Tatiana acerca dos seguintes temas: homofobia, racismo, machismo, xenofobia, adultocentrismo, capacitismo e intolerância religiosa.

A produção de relatos de experiência envolvendo a capoeira ainda é restrita e gravita principalmente em torno de metodologias de ensino, projetos de extensão universitária, experiências comunitárias e atividades extracurriculares no contexto educacional, como, por exemplo, o trabalho realizado por Sabino e Benites (2010) intitulado: "A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência".

No caso deste relato de experiência envolvendo o trabalho de capoeira da Mestre Tatiana, utilizamos de entrevista semiestruturada acerca dos temas propostos no sentido de contribuir com a discussão e a proposição de sínteses reflexivas com vistas à melhoria da compreensão acerca das configurações históricas e das relações travadas no contexto da capoeira.

A entrevista semiestruturada com a Mestre Tatiana foi realizada por intermédio do aplicativo *messenger* da plataforma *facebook* no dia 25 de abril de 2023. Em seguida, ela foi transcrita e editada em tópicos com a finalidade de facilitar a exposição das ideias tratadas. Posteriormente, a entrevista foi devolvida à entrevistada para checar a veracidade e a fidedignidade da transcrição.

³ Em 2000 iniciou um estágio com crianças e adolescentes com necessidades especiais na Agência Goiana de Esporte e Lazer (AGEL).

A partir de uma perspectiva crítica e antirracista, procuramos compreender como os processos de discriminação e de preconceito se expressam na materialidade e nas subjetividades das construções históricas e como eles podem ser pedagogicamente enfrentados e combatidos.

ENTREVISTADOR: Mestre Tatiana, ao longo de sua vida de capoeira, a senhora já presenciou algum caso de homofobia, racismo, machismo, xenofobia, adultocentrismo, capacitismo ou intolerância religiosa?

MESTRA TATIANA: “Durante os meus 30 anos de prática da capoeira já presenciei algumas situações que à época passaram despercebidas e outras que foram muito significativas para o tipo de ensino que vivenciei. Uma situação que me deixou muito decepcionada e que em muitos momentos cheguei a pensar que não haveria mais esse tipo de comportamento, aconteceu comigo em um evento de um grande amigo. Vou fazer um breve relato.

Em um evento realizado nos Estados Unidos da América, eu estava na bateria, especificamente no pandeiro, quando um mestre que estava ao pé do berimbau me pediu para continuar a música que ele entoava.

E eu, na minha simplicidade, pedi o berimbau de um mestre para dar continuidade ao canto. Só que tinha um detalhe: Nos três berimbaus [gunga, médio e viola] estavam mestres tocando e foi quando tive que tomar uma decisão rápida: Para quem eu iria pedir o instrumento? Já que no grupo em que faço parte, um dos fundamentos é cantar somente quando estamos com a posse do berimbau.

Então, pedi o berimbau médio, pedi a primeira vez, pedi a segunda vez e na terceira vez o senhor que se dizia “Mestre” me olhou de baixo para cima e me entregou o berimbau com certo ódio no olhar. Porém, isso não acabou por aí, ele saiu muito nervoso, dizendo para o mestre organizador do evento que eu era abusada por tirar o berimbau de um mestre. Com muito jeito o organizador o fez mudar de ideia para não ir embora.

Infelizmente, ele nem percebeu o quanto estava sendo “machista” ao se recusar a me entregar o berimbau, provavelmente julgando que uma “mulher” não poderia pegar o berimbau de um mestre ou que eu não teria a capacidade de dominar esse instrumento.

Foi decepcionante vivenciar essa situação, pois considero que vivemos numa luta constante em que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Infelizmente isso não é para todos. Porém, isso não tirou o meu foco naquele momento. Continuei tocando e insistindo no canto que estava sendo solicitado”.

ENTREVISTADOR: A senhora poderia nos relatar como aconselharia as pessoas, os (as) alunos (as), os (as) professores (as) a trabalhar esses temas em suas práticas pedagógicas? Como fazer para impactar positivamente no ensino-aprendizagem?

MESTRA TATIANA: “Tenho uma sugestão. De início eu faria uma vivência com os professores de situações discriminatórias e corriqueiras que acontecem em nossas aulas e pediria para que eles trouxessem uma solução para esse problema. Em seguida, no grupo, ouviria sobre quais apontamentos eles chegaram e promoveria um debate com a opinião de todos.

Para impactar ainda mais, eu faria uma troca de personagens e proporia uma situação problema, só que os homens se passariam por mulheres e as mulheres se passariam por homens.

Para finalizar, faria novamente um debate de como eles se sentiriam no papel do outro. Penso que inúmeras experiências e vivências enriquecedoras poderiam sair dessa proposta”.

ENTREVISTADOR: Tem mais alguma situação que você gostaria de comentar em relação aos outros tópicos?

MESTRA TATIANA: “Em relação à intolerância religiosa, todo ano eu passo por esse problema na escola, quando inicio o conteúdo de lutas, em especial a capoeira. Algumas famílias evangélicas, quando percebem que as crianças estão praticando essa atividade, orientam a não fazerem as aulas e as crianças chegam até mim dizendo que não podem praticar a capoeira porque os pais a proibiram. E nós sabemos que existem diferentes formas de se aprender determinado conteúdo. Nesse sentido, esses pais são orientados a comparecer à escola para participar de uma reunião que versa sobre a importância da capoeira na construção da identidade do povo brasileiro.

Em relação ao capacitismo vou fazer um breve relato do ano de 2001, quando desempenhava a função de estagiária numa instituição esportiva com crianças especiais. Sendo praticante há oito anos, dei a sugestão de trabalhar a capoeira com esse público. A princípio era um grande desafio, pois foi a primeira vez que me deparei com aulas para esse público. Mas o trabalho foi um sucesso e eu aprendi muito. Tinha um aluno cadeirante na turma. Quando ele ia fazer as aulas de capoeira ele descia da cadeira e ficava de joelhos no chão, assim gingava, partia para a posição de quatro apoios e se esforçava ao máximo para fazer os golpes. Quem sempre o levava para aula era a sua mãe. Um dia ele chegou na aula muito triste e eu perguntei a ele o que tinha acontecido e logo ele me respondeu: meu pai não acredita que faço capoeira, porque ele me disse que sou deficiente e que eu não conseguiria executar os movimentos, e eu mais rápido que pude tentei consolá-lo, dizendo que tudo que ele fazia era capoeira e que se o pai dele quisesse verificar, que ele fosse assistir as nossas aulas. Isso me partiu o coração, mas não o impediu que ele desse continuidade às aulas”.

ENTREVISTADOR: As práticas de adultocentrismo e de homofobia são também frequentes em muitos ambientes de capoeira. Você já conviveu com elas?

MESTRA TATIANA: “As práticas de adultocentrismo são muito recorrentes dentro da capoeira. A gente percebe que muitos professores, infelizmente, ainda acham

que eles devem ser os protagonistas, ao invés da criança. Nós que estudamos a educação libertadora defendemos que a criança deve ser protagonista nas atividades. Mas na capoeira, eu percebo muito o adulto querendo ser o protagonista, mesmo aquelas pessoas que têm formação, que têm conhecimento.

Em relação a homofobia, é pior ainda. Eu vejo muitos professores e colegas de aula fazendo piadinhas em relação a orientação sexual das pessoas que não se encontram dentro do padrão que consideram normal. Infelizmente, isso ainda é muito frequente. Eu já vivenciei sim! Não foi uma, não foram duas, foram várias vezes.

Uma atitude muito corriqueira que já presenciei em diversos grupos de capoeira é a saudação utilizada no início e no final das atividades, em que todos os integrantes do grupo se colocam em fileiras e ao comando do mestre levam a mão direita ao peito e em seguida levantam-na gritando: Salve!”

Essa saudação era utilizada pelos seguidores do líder nazista, Adolf Hitler, cujo significado era ser fiel ao regime dominante. Talvez por ignorância, ainda hoje muitos grupos de capoeira insistem em utilizar esse procedimento, reproduzindo o que seus mestres faziam no passado sob a alegação de cultivo de uma tradição. Entretanto, sabe-se que esse procedimento foi incorporado no contexto de alguns grupos de capoeira durante a Ditadura Militar no Brasil, no período em que a capoeira efetivamente carimbou o seu passaporte como modalidade esportiva reconhecida pela Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), em 1º de janeiro de 1973 (Falcão, 2004).

Segundo Falcão (2004, p. 104):

Nesse período, o Brasil vivia sob os auspícios da ditadura militar, e os códigos dominantes da Educação Física apregoavam o rendimento como mola mestra das atividades corporais. Neste sentido, a capoeira, como esporte, contribuiria para o fortalecimento da mentalidade competitivista, um dos suportes ideológicos desse período. A CBP, como instituição corporativa controlada pelo Estado autoritário, através do Conselho Nacional de Desportos (CND), tratava a capoeira como um desporto do ramo pugilístico, adotando boa parte das normatizações verificadas em outras modalidades de luta oficialmente praticadas no Brasil. O Regulamento de Capoeira da CBP "deixa evidente a pretensão dos seus executores, investidos de autoridade delegada pelo Estado, de querer organizar e padronizar, através de normas e regras e segundo critérios próprios, toda a prática da capoeira no território nacional" (Falcão, 2004, p. 104).

Essas situações de discriminação e de preconceito se inserem num jogo de relações em que muitas dimensões de um mesmo problema se imbricam e representam uma forma de controle social que fomenta o privilégio de mecanismos e de sujeitos detentores de poder, relegando a maioria da população à subserviência e à obediência cega.

Se o racismo durante a escravidão era majoritariamente operado via dimensão biológica por meio de torturas e de castigos físicos, atualmente ele é predominantemente discursivo e se utiliza da palavra para desprezar, silenciar e animalizar.

Entretanto, a própria história da capoeira é salpicada de fatos e episódios de enfrentamento do sistema opressor, discriminador e controlador. As sagas de personagens históricos, como Madame Satã, Besouro de Mangangá, Mestre Pastinha, Mestre Bimba etc., se tratadas pedagogicamente, podem contribuir, de forma qualificada, para a formação crítica das novas gerações de capoeiristas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfrentamento do preconceito e da discriminação passa, necessariamente, pelo respeito à diversidade que, no caso da capoeira, requer uma operação articulada de estratégias que: 1) insiram as referências históricas dessa manifestação cultural e de seus praticantes nas dinâmicas pedagógicas, ou seja, não dá para enfrentar problemas estruturais sem considerar o contexto e o movimento histórico em que estão envolvidos; 2) valorizem o cotidiano e as inovações exitosas de trato com esse conhecimento; 3) estabeleçam consistentes alianças com os movimentos sociais e culturais que vêm acenando, de forma contundente, para as necessidades concretas das pessoas envolvidas com a capoeira; 4) operem com linguagens diversificadas envolvendo a oralidade, a gestualidade e a ritualização, em articulação com o movimento histórico subjacente à capoeira; 5) estimulem a criação de políticas de capacitação, qualificação e especialização profissional com vistas à formação e valorização das pessoas envolvidas com a capoeira; 6) estimulem a criação de mecanismos legais que coíbam e punam severamente atitudes de intolerância, preconceito e discriminação vinculadas às questões de gênero, étnico-racial, de sexualidade e de geração; 7) acionem as três esferas do poder para a devida formulação e ampliação de programas e de políticas governamentais que contemplem a diversidade em seus múltiplos espaços e processos; e 8) insiram o diálogo problematizador que contemple e respeite a divergência de opiniões, a diferença de enfoque e o conflito de ideias.

Por fim, convém enfatizar que não dá para enfrentar o preconceito e a discriminação na capoeira sem a promoção, a valorização, a visibilidade e o empoderamento de pessoas e grupos envolvidos com essa manifestação cultural. Nesse sentido, ao invés de focar prioritariamente na capoeira praticada, é interessante centrar a atenção nos praticantes de capoeira, ou seja, observar como eles, em relação, lidam com seus fundamentos, seus discursos, suas simbologias, e suas contradições.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Tatiana Candida São Pedro Tomé Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

José Luiz Cirqueira Falcão - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Cassa Civil. *Lei n. 10639, de 09 de Janeiro de 2003*. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 20 out. 2023.

CHIAVENATO, Júlio José. *O negro no Brasil: da senzala à abolição*. São Paulo: Moderna, 1999.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da praxiscapoeirana*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PINHO, Vilma Aparecida de. *Relações raciais no cotidiano escolar: percepção de professores de Educação Física sobre alunos negros*. Tese (Doutorado em Educação) -

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SABINO, Thercio Fábio Pontes; BENITES, Larissa Cerignoni. A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular: um relato de experiência. *Revista Motrivivência*, n. 35, p. 234-246, dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2010v22n35p234/18093>. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, Renata de Lima; OLIVEIRA, Lorena Fonte de; ALVES, Carlos Alberto Martins; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. A Capoeira Angola em Goiânia: identidades, trajetórias e diversidades, *Revista UFG*, Goiânia. v. 22, p. 1-37, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/72984/39243>. Acesso em: 20 out. 2023.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

Recebido em: 10 nov. 2023

Aprovado em: 23 jan. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

